

## **O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: BRINCADEIRAS DE MENINOS E MENINAS**

**FLÁVIA FERNANDES DOS REIS<sup>1</sup>**  
**MYRTEES DIAS DA CUNHA<sup>2</sup>**

### **RESUMO**

O presente artigo trata-se de uma pesquisa realizada na ESEBA (Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia), por dois anos consecutivos (2008-2009), que teve como objetivos analisar o planejamento das atividades lúdicas, o seu desenvolvimento na sala de aula, a organização do ambiente escolar e, principalmente, os aspectos em que o lúdico se destacou como parte do processo de ensino-aprendizagem, seja através das condições espaciais criadas pelas professoras, seja pela espontaneidade e as preferências das crianças. Somado às observações que foram feitas na escola, realizamos também um estudo bibliográfico acerca da temática investigada, buscando contribuir para a melhoria da Educação Infantil. Em 2009 observamos uma turma de crianças do 2º período da Educação Infantil, faixa etária entre 5 e 6 anos, na sala de aula e em outros espaços da escola. Por intermédio dessa pesquisa pudemos observar como as crianças brincam, cientes de que o universo lúdico é revestido por simbolismos que se expressam em brincadeiras, perpassadas pelo âmbito da cultura e por questões de gênero, além de percebermos que o processo de brincar está associado com a construção do conhecimento.

**Palavras-chave:** educação infantil, cotidiano escolar, lúdico, ensino-aprendizagem e gênero.

### **PLAYFUL IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: BANTER OF BOYS AND GIRLS**

#### **ABSTRACT**

This article is a survey conducted in ESEBA (Basic education school of Federal University of Uberlândia), for two consecutive years (2008-2009), which had as objectives to analyze planning for fun activities, its development in the classroom, the Organization of the school environment and, especially, the respects in which the playful stood out as part of the teaching-learning process, either through the spatial conditions created by teachers, the spontaneity and the preferences of children. Added to the comments that were made at school, we are also a bibliographic study about thematic investigated, seeking to contribute to the improvement of early childhood education. In 2009 we observe a group of children of the 2nd period of the early childhood education, aged between 5 and 6 years in the classroom and in

---

<sup>1</sup> Flávia Fernandes dos Reis. Graduada no Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Uberlândia. Av. João Naves de Ávila, 2121. Campus Santa Mônica. Bloco “U”. Sala 106, CEP: 38408-100. Uberlândia – MG. E-mail: flavia\_lanna@hotmail.com

<sup>2</sup> Myrtes Dias da Cunha. Professora da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia. Av. João Naves de Ávila, 2121. Campus Santa Mônica. Bloco “U”. Sala 106, CEP: 38408-100. Uberlândia – MG. E-mail: myrtesufu@gmail.com

other areas of the school. Through this research we have seen how children play, aware that the playful universe is coated by symbolism that are expressed in jokes, gone through within the scope of culture and gender, also realize that the process of playing is associated with the construction of knowledge.

**Key-words:** early childhood education, school, playful, everyday teaching and learning and gender.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho referiu-se ao relatório final do projeto de Iniciação Científica PIBIC/FAPEMIG/UFU intitulado “Atividades lúdicas em salas de aula de Educação Infantil: limites e possibilidades”. Essa pesquisa foi realizada na Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (ESEBA-UFU) no ano de 2008, quando trabalhamos com uma turma de primeiro período, faixa etária entre 4 e 5 anos, com o objetivo de identificar como ocorria o lúdico na sala de aula e nos demais espaços da escola, tais como parque, pátio, tanque de areia, ducha e quadras.

No segundo ano do projeto, durante 2009, continuamos a observar como o lúdico acontecia na sala de aula de uma turma do segundo período, com crianças entre 5 e 6 anos de idade; nosso foco continuou sendo observar e compreender em quais momentos a ludicidade se fazia presente na sala de aula, como as brincadeiras aconteciam e também se houve mudanças nos interesses infantis por brinquedos e brincadeiras.

O primeiro ano de pesquisa trouxe-nos alguns conhecimentos gerais importantes: a constatação de que a escola preocupava-se em promover o lúdico, que a relação das professoras com as crianças caracterizava-se por um bom entrosamento e pela valorização da espontaneidade dos alunos. Acreditamos que tais características foram fundamentais para o processo de ensino-aprendizagem, além de ter produzido uma forma lúdica de trabalho, uma vez que faz parte do cotidiano escolar, entre outros aspectos, características como movimento, possibilidade de manipular objetos, brinquedos, expressão de desejos e/ou dificuldades.

Em 2009, os objetivos da pesquisa continuaram os mesmos de 2008, observar e analisar as brincadeiras das crianças. Como tais brincadeiras aconteciam? Como as professoras percebiam a turma, conduziam as atividades com esse grupo de alunos do segundo período e de que maneiras atividades lúdicas realizadas conectavam-se à produção do conhecimento?

Nesse segundo ano de pesquisa, observamos uma turma de segundo período, e algumas dessas crianças fizeram parte da turma anterior pesquisada – no final do ano as

crianças ao passarem de uma etapa a outra são mescladas, ou seja, formam-se novas turmas com a mistura de crianças que no ano de 2008 frequentavam turmas deferentes.

A metodologia da pesquisa envolveu observações atentas do trabalho educativo realizado em uma turma de segundo período da Educação Infantil; a investigação ocorreu durante todo o ano letivo de 2009, duas vezes por semana em média, desdobrando as observações realizadas com a produção de notas de campo relativas a cada dia de trabalho na escola.

Além da pesquisa de campo na escola, aprofundamos o estudo bibliográfico sobre questões relativas ao tema, o que nos ajudou a focar a atenção na identificação de momentos lúdicos importantes que aconteceram na sala de aula e na escola e também no papel desempenhado pela professora como proponente de tais atividades ou como alguém que acolhia proposições infantis e/ou incentivava iniciativas das crianças. Nossa pesquisa também incluiu recolher e analisar materiais produzidos por professoras e alunos para/na sala de aula.

Tendo em vista as várias atividades que o lúdico abrange, tais como brincadeiras variadas e jogos diversos, chamou-nos a atenção de forma significativa, especialmente nesse segundo ano de pesquisa, o modo de organização das crianças no momento das brincadeiras, como a maneira pela qual organizavam subgrupos para brincar, suas preferências por brinquedos e brincadeiras, a influência das mídias em suas escolhas e reflexos do cotidiano familiar em suas atividades, questões de gênero nos momentos de brincadeiras, os objetos e os espaços que foram mais procurados.

Outra característica marcante do segundo ano de pesquisa foi o Projeto de Iniciação Científica Discente que teve como objetivo primordial enfatizar a questão das culturas e ludicidades na cidade de Uberlândia, de modo a apontar algumas de suas relevâncias e auxiliar a criança a se perceber como parte de um grupo, com práticas sociais culturais e lúdicas historicamente construídas. Nesse sentido, esse projeto visou criar condições para que as crianças, pais e professores lidassem com as diversas possibilidades de conhecerem as culturas e os elementos do lúdico da referida cidade – o tema do projeto da turma por nós investigada foi “Brinquedos e Brincadeiras”.

Dessa forma, tal projeto foi trabalhado durante todo o ano letivo de 2009, semanalmente, 04 turmas de primeiro e 04 turmas de segundo períodos da Educação Infantil participaram; uma vez que a temática era diferenciada a cada duas turmas; as subdivisões dos temas foram: *danças e músicas; arte, arquitetura e culinária; mitos e histórias; brinquedos e brincadeiras*; como já mencionado, o último tema trabalhado na turma investigada. As atividades desse projeto nos permitiram observar ainda mais o jeito de brincar das crianças,

num momento em que atividades foram propostas às crianças pelas professoras regentes e pela coordenadora da Educação Infantil.

Assim, concordamos com VOLPATO, G. (2002, p. 111 - 112) quando diz que é preciso:

Compreender o jogo, a brincadeira e o brinquedo como manifestações culturais de profunda significação, principalmente para a criança que brinca, e reconhecer a necessidade dessas atividades no processo de desenvolvimento infantil, no mínimo implica levantar questões bastante profundas no processo educativo e, de modo especial, na ação da escola. Analisar essas implicações e, ao mesmo tempo, propor uma alternativa educacional que as considere, principalmente no início do processo de escolarização, é importante, sobretudo pela necessidade urgente de a escola vir a ser um lugar mais prazeroso. (...) Temos aqui uma dupla necessidade colocada. Uma se refere às necessidades do próprio aluno, de desenvolver suas capacidades psicológicas superiores e apropriar da realidade social de forma ativa, dinâmica, significativa; e a outra diz respeito à própria escola, que diante da riqueza de possibilidades de prazer e de informações fora dela, sente necessidade de tornar-se ambiente de apropriação e produção de conhecimentos, muito mais agradável, tanto para os alunos que a frequentam, quanto para os professores.

## **O PLANEJAMENTO EDUCACIONAL E O LÚDICO**

A nossa pesquisa procurou identificar elementos lúdicos na rotina educativa, perceber como este acontecia e o que era feito para a promoção deste. Reafirmamos a nossa preocupação em ter buscado uma escola que tivesse a ludicidade como um dos focos de trabalho e essa instituição, até mesmo por seu histórico, contemplou esse fator, podendo ser identificada logo de imediato pelos projetos de ensino que é trabalhado como a Brinquedoteca e o Espaço Cultural.

Acreditamos que é importante resgatar o significado da ESEBA como Colégio de Aplicação, pois nisto também interfere a forma como o lúdico pode ser percebido e trabalhado nessa instituição. A mesma atende as modalidades de Educação Infantil e Ensino Fundamental; trata-se de uma escola pública que tem como alicerces do trabalho realizado, o ensino, a pesquisa e a extensão.

Essa escola se diferencia de outras instituições públicas da cidade no tocante ao próprio regime de trabalho, pois trabalha com um sistema profissional de dedicação exclusiva, no qual há um período para planejamento de atividades, encontro com outros professores e coordenadores de área, além do horário em que o profissional atua nas atividades educativas propriamente ditas. Com esse regime de trabalho há uma exigência institucional maior dos

profissionais e também se percebe um maior envolvimento dos mesmos com o processo de ensino-aprendizagem. No ano de 2009, a Escola teve em seu quadro de funcionários da Educação Infantil, seis profissionais efetivos e cinco contratados.

Os professores contratados participaram das atividades escolares da mesma forma que os efetivos. Dentre tais atividades, houve planejamentos, discussões e organização de cursos de extensão e estes foram realizados em um turno diferente daquele em que se ministravam as aulas. A essência do planejamento que a escola propõe está na organização coletiva, por isso não se refere a módulos e sim a um planejamento semanal que envolve os docentes em prol de oferecer sempre educação com mais qualidade, assim, foi perceptível a responsabilidade e o compromisso da equipe pedagógica.

Esse perfil da escola e dos profissionais da educação que ali trabalham favorece uma formação mais comprometida e aguçada no que se refere a tomar os alunos como foco do trabalho educativo, a aprendizagem ganha um destaque em relação ao ensino. As crianças são respeitadas nas suas necessidades, em relação ao que é mais significativo do ponto de vista das necessidades delas; nessa perspectiva, os professores desenvolvem maior sensibilidade para perceber o que condiz com a realidade de seus alunos.

O trabalho educativo da ESEBA alia ensino/ pesquisa/ extensão, o que reflete um trabalho pedagógico articulado, onde a prática não é tomada apenas como aplicação do conhecimento científico e pedagógico, ao contrário, foi percebido através de planejamentos conjuntos elementos que possibilitaram colaborações entre profissionais e áreas para que o conhecimento fosse um processo de mão dupla. Houve uma relação intrínseca entre teoria e prática, em que se fez presente o comprometimento dos professores com a construção de uma práxis.

O trabalho, ou melhor, a consciência do trabalho pedagógico articulado com uma prática de ensino mais satisfatória eleva práticas criativas e transformadoras que possibilitam a reconstrução ou redefinição de teorias que sustentam o trabalho dos professores. Assim, concordamos com GAMBOA, S. S. (1995, p. 39) no que concerne à relação teoria e prática, que: “Não podemos conceber a teoria separada da prática; ou seja, o ser separado do pensamento. A existência de uma depende da relação mútua entre elas (...) não pode existir uma teoria solta, o que existe sempre é a teoria de uma prática”.

Podemos, assim, compreender que teoria e prática, apesar de serem indissociáveis, não se confundem em razão de sua natureza. É importante que uma revele a outra como realidade concreta, produzida por conhecimentos históricos e pela existência social. De acordo com SAVIANI, D. (1980, p. 163): “A teoria deixa de ser um conjunto de regras e normas

sistematizadas a priori com o objetivo de orientar a prática. A teoria não é apenas a retratadora da prática social, não é apenas a constatadora do que existe nas relações sociais. A teoria é também a orientadora da prática (ação) que possa transformar o já existente”.

O lúdico como elemento do processo de ensino-aprendizagem apareceu, entre outros aspectos, na medida em que os docentes não apresentaram uma relação linear e mecânica entre conhecimento científico-teórico e prática de sala de aula; ao contrário, em meio a isso houve elementos como permissividade e espontaneidade que permitiram a criatividade e conduziram ao prazer, apesar de o lúdico não envolver somente prazer. O lúdico também está relacionado com a criatividade e com a construção de novos conhecimentos; no caso da Educação Infantil, a sistematização de saberes ocorre a partir, principalmente, de atos criativos e de experiências cotidianas, cabendo ao professor perceber e aproveitar tais situações para enriquecer o processo de aprendizagem de seus alunos.

Assim, os sujeitos da educação (professores e alunos) formam-se num processo interativo e dinâmico em que a ludicidade se faz presente para ambos. Percebe-se que a subjetividade de professores e alunos, atores em ação, bem como a relação entre ambos molda as práticas educacionais. Segundo TARDIF, M. (2000, p. 115): “A pesquisa sobre o ensino deve-se basear num diálogo fecundo com os professores, considerados não como objetos de pesquisa, mas como sujeitos competentes que detêm saberes específicos ao seu trabalho”.

De acordo com a citação supracitada é possível analisar que é importante pensar e refletir sobre as atividades cotidianas de ensino, esse é um dos requisitos que permite criar saberes e teorias, nesse sentido, trata-se de um trabalho árduo do professor, mas que em muito contribui para reconhecer a criança como sujeito do processo de ensino-aprendizagem.

A ESEBA, tal como foi analisada, é uma escola que se preocupa eminentemente em perceber a criança como sujeito de conhecimentos, e este é reconhecido e valorizado constantemente nesse espaço escolar. Nesse sentido, foi possível concluir a preocupação dessa escola em ofertar um ensino de qualidade e uma aprendizagem que seja significativa para os alunos, foi trabalhado não apenas conhecimentos pré-determinados, mas também experiências significativas para a formação dos alunos como cidadãos.

Nesse sentido, foi possível perceber que os coordenadores dessa instituição trabalham para ter no seu quadro de funcionários, profissionais comprometidos em fazer uma educação que garanta a promoção da cidadania. Esse cuidado com o processo de ensino-aprendizagem foi percebido nesse nível de ensino, de forma que a ludicidade apareceu como um elemento integrante do fazer pedagógico e como processo de formação dos alunos.

## O LÚDICO NAS INTERAÇÕES

Tendo em vista que a interação proporciona uma amplitude de construções que colaboram para o desenvolvimento das crianças, atentamos em nossa pesquisa à perceber as relações entre as professoras<sup>3</sup> em uma turma de 2º período da Educação Infantil da ESEBA. Assim, o espaço em que se desenvolveram as atividades foi um critério a mais de observação, já que esse se caracterizou como uma interferência na dinâmica de trabalho. Da mesma forma, acreditamos que isso interferiu no ritmo dos discentes, no seu desenvolvimento psíquico e social.

As professoras das quais acompanhamos, no decorrer da pesquisa, foram a da sala de aula, Leandra, professora regente, que também acompanhava as crianças no espaço do lanche, parque, tanque de areia, ducha e em outros momentos que fosse necessário o seu acompanhamento como, por exemplo, em ensaios no anfiteatro. A outra docente cujo trabalho com as crianças acompanhamos semanalmente foi à professora responsável pelo Espaço Cultural, Fernanda, o mesmo assim como a Brinquedoteca espaços criados em 1996 quando da Reforma do Currículo Infantil da escola.

O elemento lúdico foi o nosso suporte para observar as condutas das docentes, o modo de lidarem com os alunos. Dessa forma, o perfil de cada uma diante de tal elemento foi pormenorizado na busca de dialetizar teoria e prática. Pensamos que a prática cotidiana instiga a compreender o processo educacional, por isso formas tão diversas de perceber o espaço-tempo, como o modo de lidar com os alunos, em relação a atividades ou momentos mais descontraídos se faz peculiar, uma vez que somos seres que possuímos cada qual sua subjetividade. Isso nos encanta, pois percebemos referente às professoras, modos diferentes de comportamento e de organização do espaço e que cada qual do seu modo contribuiu para que o processo de ensino-aprendizagem fluísse de maneira satisfatória.

Adentrando no perfil da professora Leandra, percebemos que a mesma durante todo o ano letivo de 2009 procurou estar atenta em relação ao interesse das crianças, o que as motivava, de forma que o planejamento para essa turma foi realizado de maneira prazerosa como, por exemplo, em relação aos momentos de atividades de desenho, conhecer novas palavras, tentarem lê-las, os momentos de jogos/ brincadeiras, entre outros.

---

<sup>3</sup> Dizemos professoras, no plural, em função de que na ESEBA cada turma de alunos da Educação Infantil tem uma professora regente para a sala de aula, uma professora para a brinquedoteca, uma professora para o Espaço Cultural e outra para a Educação Física.

Assim, houve por parte da professora Leandra intervenção sempre que a mesma percebia necessidade. Uma das dificuldades das crianças, de modo geral, mais percebida foi em relação a certas regras de jogos, nesse caso, a professora sentava próximo das crianças não só estimulando, mas participando, brincando, jogando com seus alunos e esses eram momentos em que ela aproveitava para introduzir algo propriamente dito do processo de alfabetização como conhecimentos novos acerca de um objeto, curiosidades, entre outros. Podemos assim, observar pela nota de campo (nº 13, 02/07/2009) que segue abaixo:

Os primeiros 30 minutos em sala de aula foi o momento dos jogos. Esse momento de jogos/ brinquedos é reservado diariamente na sala de aula, mas em outros momentos da rotina escolar ele também acontece/ pode acontecer. A professora Leandra propôs às crianças que brincassem com jogos de dados, em alguns momentos ela auxiliou quanto às regras, brincou com as crianças, passou por todos os subgrupos que foram formados aleatoriamente pelas próprias crianças, observou, deu algumas opiniões, assim como pediu também, no intuito que, a nosso ver, foi de estar estimulando. Os tabuleiros que foram utilizados nessa brincadeira continham números de 0 a 9 (com três pontos de saída e três pontos de chegada, assim, deu para três crianças brincarem ao mesmo tempo, competirem entre si). Esse jogo possui letras do alfabeto e alguns obstáculos que faz a criança retornar uma ou duas casas ou voltar para a letra “A” início do jogo; o tabuleiro tem também imagens e nomes de animais; algumas crianças tentaram trapacear, não aceitaram voltar casas para trás ou perder o jogo como, por exemplo, no caso do Mário. Em outro subgrupo, Priscila e Adriana preferiram brincar com o jogo da velha, mas quando me aproximei delas (pesquisadora) e perguntei do que estavam brincando, Priscila logo disse que não estava brincando de jogo da velha, mas que estava fazendo suco de maçã com banana (talvez pelo fato das peças do jogo da velha serem representações de frutas). Em uma vasilha ela colocou três maçãs e três bananas e disse que ia bater, quando falei (pesquisadora) que gostaria de saber a receita, ela se animou e disse: “você coloca água e açúcar e bate”. A professora interagiu com as crianças pedindo dicas e simulou estar provando do suco delas, dizendo estar muito saboroso.

Através dessa nota de campo foi possível perceber que a professora Leandra propôs no momento dos brinquedos, momentos iniciais na sala de aula, que as crianças jogassem jogos de tabuleiros com o uso de dados para avançar casas e explicou que podia acontecer de às vezes ter que voltar uma casa ou mais, mas que isso fazia parte do jogo, por isso era importante respeitar as regras, pois podia ser também que em parte do jogo pudesse avançar casas. Ela acompanhou as crianças que formaram os subgrupos, e estes foram formados aleatoriamente, percebemos isso como parte da rotina. As crianças escolhiam com quem queriam brincar e naturalmente os grupos eram formados e divididos, de um dia para o outro podia haver mudanças, estas ocorreram por diversas vezes, mas com certa peculiaridade como de meninos se juntarem mais a meninos e meninas se juntarem mais ao seu sexo também.

Chamou-nos a atenção que a professora Leandra explicou as regras, procurou estar próxima para auxiliar se necessário fosse, mas também não impôs que tinha que ser de tal forma e não de outra, ela simplesmente orientou, nisso percebemos fortemente o elemento da ludicidade. Ela as orientou, no entanto, demonstrou entender que se tratava de um processo e que as crianças vão entendendo com o tempo. Mário foi uma das crianças que mais trapaceou, ele demonstrava ter consciência disso, por exemplo, quando caía numa casa que tinha que voltar, ele ou contava um número a menos ou um a mais, já quando era com o colega dele, que estava na disputa, o mesmo ficava atento e se caísse em uma casa que tivesse que voltar, ele mesmo garantia que o seu colega voltasse, na tentativa de antecipar, de certa forma, sua vitória.

A professora Leandra, apresentou várias características que se faz importante mencionar, foram inúmeros os fatos que colaboraram significativamente para o processo de aprendizagem das crianças. Alguns desses jeitos peculiares e contribuições acerca da relação estabelecida entre ela e seus alunos serão posteriormente e brevemente retratados. Dessa forma, destacamos, por exemplo, o momento do jogo, o modo como a professora percebia este, já que fazia parte da rotina educativa. Nesse aspecto, os momentos de jogos foram bem aproveitados, no sentido de não ser somente o jogo pelo jogo, mas por refletir em escolhas/preferências das crianças e, especialmente, por somar ao processo propriamente dito de alfabetização, em que as crianças com o auxílio da professora decodificavam palavras, faziam certas leituras, associações, entre outros.

Assim, devido à grande importância que o jogo acarreta no desenvolvimento da personalidade da criança, concordamos com ELKONIN, D. B. (1987, p. 100) quando diz que:

No jogo a criança toma consciência de si mesma, aprende a desejar e a subordinar a seu desejo seus impulsos afetivos passageiros, aprende a atuar subordinando suas ações a um determinado modelo, a uma norma de comportamento. Assim, no jogo a submissão à necessidade não é imposto de fora, pois responde à própria iniciativa da criança como algo desejado. O jogo dessa maneira, por sua estrutura psicológica, é o protótipo da futura atividade séria. Da necessidade que o jogo faz desejada à necessidade que se torna plena consciência: este é o caminho que vai do jogo às formas superiores da atividade humana.

Já no dizer de FANTIN, M. (1996, p. 42) o jogo é percebido nos seguintes termos: “Na brincadeira da criança pequena a situação imaginária é evidente, as regras organizam as ações, mas não aparecem explicitamente, estão ocultas. Com a evolução da brincadeira, no jogo de

regras a situação se inverte, as regras são evidentes e o que está oculto são os elementos de ilusão que o jogo envolve”.

A professora regente da sala de aula em vários momentos nos relatou entender o quanto acredita que o brincar é importante para as crianças, pois, além delas gostarem é também uma forma de extravasar as suas energias, explorar o desconhecido ou mesmo o que está muito próximo do seu cotidiano, fazer representações e, assim, elas aprendem e se desenvolvem. A Educação Infantil dessa escola, de acordo com o que observamos, também trabalha nessa perspectiva, de desenvolver projetos, de permitir/inserir diariamente as brincadeiras na rotina educativa, dessa forma, é em meio a esses fatores que a alfabetização acontece e foi possível perceber que ela acontece de forma eficaz. As crianças aprendem brincando e brincam aprendendo.

Esses fatores elencados podem acarretar grande diferença no desenvolvimento das crianças, pois quando se permite a exploração do que está a sua volta, as curiosidades são instigadas e foi nesse paralelo que as atividades de registro aconteceram diariamente, na busca de retomar algo que já foi vivenciado ou que fazia parte do cotidiano delas – as palavras, frases e leituras foram trabalhadas na tentativa de significar algo para os discentes, de fazer alguma correlação. Nesse sentido, a professora Leandra adentrou muito bem na proposta da escola, como também demonstrava através de palavras e gestos que percebia o quanto era importante os momentos de brincadeiras e das manifestações de preferências das crianças.

Quanto às atividades de registros, a professora Leandra procurou sempre estimulá-las, assim, por exemplo, quando eram trabalhadas palavras e que deveria fazer leituras, ela dava exemplos de que tal letra estava no nome de alguém, comparações entre o som de outras palavras, dentre outros, no intuito de facilitar a compreensão de seus alunos. Com isso, pudemos notar que a segurança das crianças foi fortalecida e que mesmo algumas que demonstraram mais timidez no início, se arriscaram mais, aumentando, assim, o seu vocabulário e o reconhecimento/ decodificação de palavras. Nessa perspectiva, não somente a leitura foi realizada, mas também a escrita. Pode-se observar uma ocorrência disso através da nota de campo (nº 10, 22/06/2009) que segue abaixo:

Às 13 horas e 25 minutos, a professora Leandra escreveu no quadro o dia da semana, pedindo que as crianças soletrassem a palavra “Segunda”, ela auxiliou, mas deixou que as mesmas falassem a letra que achava que podia ser; as crianças arriscaram, acertando quase todas as letras. Em seguida, a professora escreveu no quadro a rotina do dia, da mesma forma, ela pediu que as crianças soletrassem as letras da palavra “Rotina”. A professora repetiu por algumas vezes o som das letras e da palavra, no momento, por

exemplo, de escrever a palavra “pátio”, a professora comparou essa palavra com a palavra “panela”. Ela pediu que todas as crianças falassem a palavra panela e depois a palavra pátio e pediu para sentir, ver a diferença do som, que “pá” de pátio tinha mais força do que o “pa” de panela.

Outro ponto a ser destacado na professora Leandra e que foi algo muito peculiar dela foi em relação à preocupação com a higiene bucal, diariamente ela incentivava as crianças a escovarem os dentes após o lanche. Os alunos com pouco tempo se acostumaram com essa rotina, demonstravam consciência de que cuidar da saúde era muito importante e que o cuidado com os dentes, escová-los sempre após a refeição fazia parte da saúde do corpo.

A escola conta também com o quadro de dentista que periodicamente ou sempre que necessário faz avaliações nas crianças, aplicação de flúor, entre outros. A turma de alunos da professora Leandra não tinha nenhuma cárie, isso era uma satisfação para ela também, pois as crianças cuidavam e entendiam que o incentivo dela era importante. Às vezes, a Leandra falava de uma forma diferente no momento dessa higiene, alertava que estava na hora de escovar os dentes de forma brincalhona, isso quando alguma criança não tomava frente lembrando os seus colegas do momento. Uma das maneiras da professora chamar a atenção para o momento da higienização bucal pode ser observada na seguinte nota de campo (nº 09, 18/06/2009):

Mais no início da aula, depois de todas as crianças já terem chegado, a professora Leandra formou uma roda com as crianças e conversou sobre o Projeto realizado com as mesmas sobre os dentes. Um painel/ cartaz foi montado – professora e crianças – em que a professora entregou figuras no formato de um dente. As figuras foram divididas em: dente com a escova; dente com a pasta de dente; e dente com fio dental. Todas as crianças receberam um exemplar de cada figura. A professora imprimiu as figuras, cada um dos alunos levou essas figuras para casa com a proposta de colorirem da forma que quisessem. Dias depois as crianças levaram para a escola e socializaram com as outras crianças e a professora intermediou, reforçando mais uma vez a importância de cuidar dos dentes, de ter dentes saudáveis.

A outra professora da qual acompanhamos o seu trabalho foi à professora Fernanda responsável pelo Espaço Cultural. Este se caracteriza, especialmente, por ser um espaço de produção, em que as crianças usaram muito da sua imaginação em atividades de registro que foram, basicamente, desenhos e pinturas, para isso vários materiais foram utilizados como, por exemplo, tinta guache, glíter, cola, papéis picotados, canetinhas, lápis de cores, giz de cera, aquarela, entre outros. Isso se assemelha a uma citação de MACHADO, M. L. A. (1996, p. 8), para ele: “O pedagógico não está na atividade em si, mas na postura do educador, uma

vez que não é a atividade em si que ensina, mas a possibilidade de interagir, de trocar experiências e partilhar significados é que possibilita às crianças o acesso a novos conhecimentos”.

Nessa perspectiva, observamos que os alunos quando queriam produzir mais, ou seja, fazer mais desenhos e/ ou pinturas, a professora dava mais folhas quantos fossem os pedidos das crianças, da mesma forma não tinha controle rígido em relação aos materiais como, por exemplo, usar pouca cola, ao contrário, ela orientava as crianças, tinha todo o cuidado com as produções feitas pelas mesmas, com a secagem do material, mas a manipulação era livre, assim, se era feita mais “bagunça” ela não reprimia, ao invés disso, orientava ao mesmo tempo que permitia às crianças manipularem os objetos de acordo com o seu desejo.

No entanto, não foram somente as atividades de registro que aconteceram (desenhos e pinturas). Semanalmente as crianças dessa turma, assim como de outras turmas, iam uma vez a esse espaço com duração de 1 hora e meia. No mesmo, constantemente, houve outras atividades como parte do planejamento da professora Fernanda, que mediante as atividades de registro intercalava momentos tais como o teatro, contação de histórias, ioga, rodas de brincadeiras, músicas, entre outros. Um dos exemplos pode ser visto nessa nota de campo (nº 07, 04/06/2009):

Às 16 horas a professora Fernanda buscou as crianças na sala de aula para irem ao Espaço Cultural, a professora estava fantasiada de bruxa, ela cumprimentou as crianças, perguntou se elas gostavam de história de bruxa, as crianças responderam que sim. Ela fez a chamada das crianças (diário de classe) e em seguida explicou a brincadeira: “É uma brincadeira de falar o nome ou fazer gestos e todos tem que imitar”. A professora Fernanda pediu que todos ficassem de pé, cada um na frente da sua cadeira. Cada uma das crianças, inclusive a professora e a estagiária falavam e faziam movimentos que foram repetidos por todos. A professora, então, falou o título da história: “Bruxa, bruxa venha a minha festa!” e contou mostrando sempre as gravuras, ela ficou com o livro de frente para as crianças e procurou em cada trecho da fala dar vivacidade aos personagens.

O Espaço Cultural trata-se de um espaço que é convidativo a momentos de descontração, interação e prazer, já que os momentos de brincadeiras duram até mais do que o momento da atividade de registro/ produção de pinturas e desenhos. Mas, o espaço por si só não bastaria, a professora Fernanda por todo o ano letivo de 2009 o conduziu muito bem, além de ser uma pessoa de extrema afabilidade, demonstrou sempre muita paciência e proximidade com as crianças.

Concordamos com VOLPATO, G. (2002, p. 100), quando ele diz que:

A presença do adulto que interage com a criança, que nos primeiros anos provavelmente se resume aos pais, parentes e amigos, constitui a condição de sucessivas superações em todos os sentidos. A partir do momento em que a criança entra na escola, esta passa a ser a essência de sua formação. Nela, as relações se ampliam e com as múltiplas experiências, ela internaliza novos conhecimentos.

Nesse espaço, a professora Fernanda procurou a cada semana oferecer algo de diferente, que pudesse motivar as crianças, aflorar suas imaginações e principalmente interagir as mesmas. Havia também no Espaço Cultural, um lugar que era reservado a cestas de brinquedos, as crianças procuravam por esses brinquedos, quase sempre, próximo do término da aula, o horário que elas iam era o último horário, com isso, elas brincavam até que o seu responsável chegasse para buscá-la, o que pode ser percebido através da nota de campo (nº 20, 24/09/2009):

Faltando pouco para o término da aula, os meninos que já tinham terminado sua atividade de registro pegaram as cestas que continham peças de lego, cada um deles montou e imaginou algo diferente. Marcelo com o lego montou um avião que ora ele dizia ser um avião, ora um monstro. Tarcísio com as peças fez uma arma e carrinho de corrida. Murilo fez um “voador 3000” com o lego e brincou com um rinoceronte de brinquedo. Cauã também fez arma com lego e brincou de ser atirador. Daniel com as peças de lego montou um robô, depois o Murilo e o Cauã brincaram de ter um super carro também montado com lego, esse carro voava e eles ainda disseram que “os planetas não conseguiam atingir o carro deles”. Todos os meninos tinham por perto algum animal de brinquedo; a cesta que continha esses brinquedos ficou no chão do Espaço Cultural até que o momento dos seus responsáveis irem buscá-los.

Assim, as brincadeiras foram diversas, algumas delas foram até mesmo cantadas como podemos perceber na nota de campo (nº 18, 10/09/2009) que segue abaixo. A professora formou uma roda com as crianças no Espaço Cultural, todas interagiram satisfatoriamente, além de aprender novas músicas, as mesmas se divertiram com as coreografias:

No Espaço Cultural, assim que as crianças chegaram, a professora Fernanda formou uma roda com as mesmas e fez um convite para que todas dançassem e participassem com ela. Foi utilizado o som para passar as músicas, à medida que a professora fazia à coreografia as crianças a imitavam. Todas as crianças participaram muito bem, demonstraram ter gostado das músicas e encenações propostas. Ao término, Paulo disse que havia cansado, mas falou isso de forma descontraída, demonstrando ter cansado, mas gostado. Na sequência, a professora disse às crianças que faria novamente o teatro do lobo e os cabritos – essa encenação tinha sido feita na aula anterior –, mas, dessa vez com fantasias. As fantasias foram divididas,

basicamente, por cores e aconteceu por sorteio; o cabrito pequeno: fantasia marrom, o cabrito médio: fantasia amarela; o cabrito grande: fantasia preta e o lobo: fantasia preta diferenciada por ter plumas também pretas. Antes de começar a encenação, a professora fez uma pintura no rosto de cada criança com tinta preta, própria para o rosto, pintou o nariz e fez uns bigodinhos. Depois, a professora estendeu um lençol branco no chão que representou o rio e relembrou a história com as crianças começando em seguida o teatro. Depois desses momentos foi que a professora deu a atividade de registro que nesse dia foi desenhos livres.

Sendo assim, o Espaço Cultural foi mais um dos espaços da Educação Infantil em que o elemento lúdico foi vivenciado e experimentado, especialmente, pelas crianças, isso não só devido aos materiais/objetos que tal espaço oferece, mas por ter possibilitado às crianças a criação como, por exemplo, desenhos feitos com aquarela, desenhos dos quais as crianças colocaram suas imaginações. Mas, principalmente pela postura da professora Fernanda responsável por esse ambiente que demonstrou durante todo o ano letivo ser uma pessoa atenciosa e que procurou a cada encontro fazer algo de diferente, em relação às fantasias, a maneira com que trazia/envolvia as crianças para próximo dela, assim, ela utilizou por diversas vezes diferentes entonações da sua voz como uma das formas de cativar seus alunos.

Portanto, de modo geral, ambas as professoras Leandra – regente da sala de aula – e a Fernanda – regente do Espaço Cultural – foram professoras que demonstraram compromisso com seu trabalho, atenção para com todas as crianças sem distinção e procuraram diariamente inserir o processo de alfabetização em meio à criatividade, aos jogos, as brincadeiras, entre outros. Elas colaboraram, assim, para que o lúdico estivesse sempre presente compreendendo que a sua dimensão colabora significativamente para o processo de ensino-aprendizagem.

## **UNIVERSO LÚDICO: BRINCADEIRAS X REALIDADE**

Defendemos que o brincar, além de diversão, é também momento de aprendizagem, de trocas e de experiências diversas. Pensando nessa questão tivemos atenção quanto às suas preferências e à forma com que o cotidiano se mostrava presente nessas interações.

Dessa forma, concordamos com a HORN, C. I. (2007, p. 15):

À escola cabe proporcionar um ambiente que estimule o olhar curioso da criança, desenvolva um real interesse por tudo, ensinando-lhe a explorar e a experimentar novas formas de agir. Tudo isso, vivido no seu cotidiano, proporcionando-lhe o cultivo dos valores de respeito pelo outro e pelas coisas que a cercam, pode ser mais importante, no seu desenvolvimento, do

que muitas horas de trabalho dirigido. (...) Se o brincar alcançasse um maior espaço na rotina escolar ou se a rotina apoiasse no brincar livremente, não seria necessária uma preocupação tão exaustiva do professor no desenvolvimento da parte intelectual. O brincar seria pano de fundo dessa rotina e isto seria suficiente e satisfatório para o desenvolvimento de qualquer atividade. (...) Privar a criança de viver intensamente em favor de um treinamento mecânico, com vistas a uma posterior alfabetização, no caso da educação infantil, significa represar sua energia, não aproveitar suas capacidades. Significa substituir a aprendizagem significativa pelo condicionamento. Significa podar-lhe a curiosidade e sua abertura para a exploração do meio ambiente. Significa, enfim, impedi-la de ser criança e limitar seu vir a ser. Por meio do brincar, a criança vai compondo uma infinita abertura de possibilidades que lhe permitirão desenvolver-se integralmente como sujeito engajado no processo de construção de si mesmo.

As crianças, como qualquer ser humano, possuem suas peculiaridades, mas ainda assim há elementos que tendem a aproximá-las ou não umas das outras e é nesse aspecto que acreditamos que grupos são formados, tornando-se mais perceptíveis as convergências e divergências que surgem nessas relações. Nesse sentido, a questão do gênero foi algo notório, isto é, meninos e meninas estiveram quase o tempo todo em grupos opostos. Vale ressaltar que, pela própria dinâmica das crianças, os grupos, na verdade, foram na maioria das vezes subgrupos que as mesmas formavam aleatoriamente, porém tendo o diferencial da proximidade ser maior entre os mesmos sexos, ou seja, meninos procuravam brincar mais entre eles e as meninas da mesma forma.

Durante todo o ano letivo houve brincadeiras que foram repetidas com maior frequência como, por exemplo, no caso dos meninos as brincadeiras de lutinha e no caso das meninas foi mais recorrente o brincar de salão de beleza, de escolinha e mamãe e filhinho, em relação às representações de maternagem, às vezes, tinha a boneca como recurso e outras vezes os papéis foram divididos entre as próprias crianças. Nessa brincadeira que envolvia o aspecto maternal, poucas foram as vezes em que os meninos participaram, eles quase sempre ficavam distantes, em alguns momentos até observavam, mas demonstravam de alguma forma que aquele universo não os pertencia, o que sabemos que é um equívoco revestido por preconceitos e estigma, já que o papel do pai é de suma importância numa família.

Conforme FONTANA, R. & CRUZ, M. N (1997, p. 128):

A partir do momento em que a criança assume um papel qualquer na brincadeira, ela passa a operar com o significado de sua ação e submete seu comportamento a determinadas regras. Isso conduz ao desenvolvimento da vontade, da capacidade de fazer escolhas conscientes, que estão intrinsecamente relacionadas à capacidade de atuar de acordo com o

significado de ações ou de situações e de controlar o próprio comportamento por meio de regras.

Quanto ao perfil de meninos e meninas e o papel que a família exerce, VOLPATO, G. (2002, p. 137) diz que: “Os pais exercem grande influência sobre os filhos, principalmente nos primeiros anos de vida, quando as relações destas com a realidade é restrita ao ambiente familiar. Por isso, quando as crianças chegam à escola, já atribuem significado às suas brincadeiras, e as demais instâncias da realidade sócio-cultural”.

No intuito de perceber melhor as diferentes brincadeiras, dividimo-las em duas perspectivas que foram: as brincadeiras em que as próprias crianças se organizavam, isto tendo em vista diferentes espaços tais como a sala de aula, parque, tanque de areia e Espaço Cultural e as brincadeiras que tiveram a interferência das professoras. Uma dessas interferências foi um Projeto de Iniciação Científica Discente que teve como temática “Brincadeiras e Brinquedos”, que foi constantemente dirigido pelas professoras e coordenadora da Educação Infantil da ESEBA. É importante, a nosso ver, fazer esse paralelo, pois são condições diferentes que as crianças experimentam, pois em alguns momentos elas mesmas se direcionam de acordo com seus interesses e em outros momentos são dirigidas, e esse direcionamento, entre outros aspectos, teve uma característica marcante que foi meninas e meninos participarem de um único grupo, ou seja, se misturarem mais no momento de brincar/ interagir.

Começando pelas brincadeiras que foram direcionadas, estas se deram basicamente em dois âmbitos: como parte de um projeto e em diversos momentos na rotina diária da sala de aula e/ou outros espaços da escola destinados à Educação Infantil. Esse projeto teve como proposta adentrar no universo do lúdico e da cultura subjacente a este, do folclore, entre outros, de forma que semanalmente havia um encontro que era rotativo.

A perspectiva de trabalho de tal projeto norteou as brincadeiras e brinquedos, assim vários momentos foram criados, brincadeiras resgatadas e o momento da roda como uma das prioridades desse encontro, pois era uma maneira de aproximar mais as crianças, de interagi-las e “garantir” que todas participassem, assim que o envolvimento fosse de fato coletivo. Foi, dessa forma, que os encontros se deram sempre com muita alegria, com o intuito de “aprender brincando” e “brincar aprendendo”.

Nessas brincadeiras propostas, como por exemplo, dentre tantas, “telefone sem fio”, as professoras das turmas responsáveis pela temática “Brincadeiras e Brinquedos” participavam brincando com as crianças – elas também faziam parte dessas rodas, acreditamos que essa

postura perpassa não só pelo o auxílio que é dado às crianças, mas também o estímulo para as brincadeiras e para que essas interações fossem mais ricas e significativas. Um dos momentos desse projeto pode ser observado na referida nota de campo (nº11, 25/06/2009):

O projeto de hoje foi sobre “Parlendas”. Na sala de aula com o grupo de alunos da professora Leandra (nesse momento a professora de outra turma – Cláudia – com a mesma temática seguia procedimentos semelhantes) foi colocado um cartaz com o exemplo do que seria trabalhado – as crianças já sabiam do direcionamento desse encontro, pois já havia sido comentado em dias anteriores, dessa forma, já vieram preparadas. Cartaz: A rosa: “A rosa perguntou a rosa qual era a rosa mais rosa. A rosa respondeu para a rosa que a rosa mais rosa era a rosa cor-de-rosa” – as crianças desenharam várias rosas no cartaz. A professora Leandra e a coordenadora da Educação Infantil Sabrina leram essa parlenda para as crianças. Na sequência, elas perguntaram a cada criança a parlenda que elas haviam criado/ trago de casa. As crianças, então, disseram a sua parlenda, como, por exemplo, o Paulo: “O gato cinza perguntou para o gato cinza, qual era o gato mais cinza. O gato cinza respondeu para o gato cinza: Eu não sei!” e o Marcelo: “Qual Ben 10 é mais Bem 10? É o Ben 10!” – essas parlendas foram “decoradas” por eles. A princípio as crianças foram estimuladas a tentar adivinhar, ler/ descrever o que a parlenda dizia. A professora Leandra elogiou cada grupo, dando os parabéns e dizendo que estavam todos muito bem. O desenho foi para ajudar as crianças a deduzirem o que estava escrito, sobre o que falava as parlendas.

Na sala de aula no que diz respeito às brincadeiras, a intervenção da professora ocorria quando a mesma percebia a necessidade de auxiliar, por exemplo, em relação a alguma regra de jogo ou mesmo de participar mais das brincadeiras das crianças, assim em diversos momentos ela sentou com as mesmas, brincou e as estimulou.

Já quanto aos outros espaços em que houve a presença da professora Leandra, aconteceu no sentido de ter cuidado para que as crianças não se machucassem, assim as observava, e em muito desses momentos ela, também, olhou ainda mais de perto as brincadeiras, de modo que ela interagiu com os alunos, por diversas vezes, como por exemplo, instigou e participou de suas fantasias, do faz-de-conta.

Em relação aos meninos, muitas das vezes foi preciso chamar a atenção deles, pois eles brincavam muito de lutinha e com muita intensidade (força), por isso às vezes acontecia de um machucar o outro, já em relação às meninas, a professora Leandra às vezes dava dicas, se elas estivessem brincando, por exemplo, de salão de beleza, ela sugeria cores de maquiagem e dava sugestões do tipo que elas poderiam desfilar, fazer expressões faciais de frente o espelho (este ficava próximo aos banheiros e o pátio), um desses momentos pode ser observado através da nota de campo (nº 10, 22/06/2009):

No momento do parque, as meninas da turma da professora Leandra se organizaram para brincar de salão de beleza, em um dos bancos do pátio – próximo ao espaço do parque e tanque de areia – Carla começa a ser maquiada por uma coleguinha, Carla interrompe e vai olhar no espelho que fica próximo aos banheiros, ela observa como está ficando sua maquiagem. A mesma volta dizendo que seu batom ficou borrado e que vai querer outra pessoa para maquiá-la. Algumas meninas, até de outras turmas, pediram para serem maquiadas, a professora Leandra aproximou das crianças para dizer que todas podiam ser maquiadas e maquiou as coleguinhas. A professora também sugeriu às crianças que fizessem de frente ao espelho o desfile da maquiagem e sugeriu que a cor rosa caia muito bem.

No Espaço Cultural, os momentos de brincadeiras direcionadas pela professora regente desse espaço aconteceram de modo que as crianças, de forma geral, se envolveram muito com o que foi proposto, assim como à organização dos alunos para as suas brincadeiras e formação de grupos, tal fato pode ser observado na nota de campo (nº 22, 22/10/2009) que segue abaixo:

À medida que as crianças foram terminando sua atividade de registro começaram a procurar por brinquedos. Alguns dos meninos foram os primeiros a terminarem, logo eles pegaram cestas contendo animais de brinquedos. Daniel, Lucas, Cauã e Paulo começaram a brincadeira, cada um deles escolheram um animal, por exemplo, Daniel escolheu cavalos e o Lucas porcos. Eles pegaram todos os animais da mesma espécie e enfileiraram os iguais, é como se fossem criadores e trabalhassem em uma fazenda. As meninas também se organizaram para brincar na sequência de ter terminado sua atividade. Elas formaram um pequeno grupo e foram brincar em um dos cantos do Espaço Cultural de piquenique; a Jéssica e a Adriana preferiram folhear livros de história infantil. Depois de alguns minutos as meninas se espalharam por esse espaço e se misturaram com os meninos. Elas pegaram cesta contendo peças de lego e encaixaram uma peça na outra, dando atenção para o tamanho que as peças iam ficando, as mesmas também brincaram com alguns animais de brinquedo (cavalos, vacas e outros), a ideia era de uma fazenda. Alguns meninos também brincaram com as peças de lego, Paulo disse ter construído com as peças uma nave espacial e no ar ele fez movimentos com essa “nave”. Já Larissa ficou até o último momento incrementando sua atividade de registro. As demais crianças se mesclaram (meninos e meninas) e ficaram brincando até o momento dos seus responsáveis irem buscá-las. Apesar de mescladas, a interação foi mais dos meninos com meninos e meninas com meninas.

Voltando as brincadeiras livres, no que tange às preferências das crianças no momento destas, identificamos fortemente os elementos advindos do cotidiano, da mídia e o gênero. Estes foram produtos das diferenciações culturalmente reproduzidas tanto pelos meninos quanto pelas meninas, tendo em vista que em diversas situações de entretenimento se ativeram mais ao universo de representação do seu gênero.

As meninas nas brincadeiras mais livres pouco alteraram o seu perfil, a maioria delas, ficaram mais próximas do cotidiano familiar, tendo em vários momentos do ano letivo de 2009 preferências como brincar de “casinha (mamãe e filhos, ora com boneca ora elas mesmas dividiam os papéis entre elas)”, escolinha, nesse caso, a professora Leandra era o maior referencial para elas – gostavam de imitá-la –, salão de beleza que, a nosso ver, representa a vaidade e um trabalho que é mais voltado para o público feminino, entre outras brincadeiras que às vezes intercalavam como, por exemplo, brincar no parque utilizando os brinquedos e os jogos na sala de aula. Exemplos de como as meninas brincavam podem ser observado através das notas de campo (nº 19, 17/09/2009) que seguem:

Lorena, Lara, Carla e Isabel aproveitaram o momento do tanque de areia para brincarem de escolinha. Em um dos cantos do pátio e com um caderno nas mãos e duas canetas (uma azul e uma rosa), elas escreveram em letra de fôrma seus nomes, os nomes de coleguinhas e familiares. Algumas demonstraram certa dificuldade, confusão em relação às letras, nesse caso, umas ajudaram as outras e a maioria dos nomes foram escritos corretamente.

A próxima nota de campo (nº 20, 24/09/2009) também é um exemplo das brincadeiras de que elas mais gostavam:

As meninas formaram um grupo para brincar de salão de beleza, levaram para o pátio vários estojos de maquiagem da sala com a autorização e incentivo da professora Leandra. Usaram também como complemento dessa brincadeira um pedaço de papel e canetinha que foi para anotar preços e o nome de quem queria “os serviços do salão”. Meninas de outra turma se aproximaram e pediram para brincar e serem maquiadas. As alunas da turma da professora Leandra (turma investigada) é que controlaram as maquiagens, maquiaram primeiro entre elas. Nas outras meninas as maquiagens foram feitas cobrando um valor fictício que era pago com recortes de papéis, assim, elas representaram serem as donas do salão de beleza.

No caso dos meninos, eles tiveram, por diversas vezes, como pano de fundo desenhos animados, em especial o Ben 10, este dava “asas” a imaginação dos mesmos que ora lutavam entre si, ora tinham super poderes para mudar o que quisessem, assim como se transformarem. Mas, em meio a essas brincadeiras que foi a preferencial dessa turma, eles exploraram um pouco mais do que as meninas outros momentos como, por exemplo, o parque (a utilização dos brinquedos), correram mais, gritaram mais, jogaram por algumas vezes futebol, sendo que em um único dia eles, geralmente, eram os que mais diversificavam suas brincadeiras como pode ser observado pela nota de campo (nº 17, 03/09/2009):

Momento do pátio/ parque, os meninos ficaram mais no espaço dos brinquedos do parque. Juntamente com outros meninos de outras turmas, eles escorregaram, brincaram no túnel do brinquedo. Brincaram também de imitar os personagens do Ben 10. Murilo imitou o “chuvisco” (tem poder de fazer chover), Marcelo e Lucas disseram que era o Kênio (possui um relógio que o transforma em ET/ alienígena) outros meninos também brincaram de Ben 10, mas não se concentraram somente no espaço do parque, correram também pelo o pátio. Eles utilizaram termos como “choque eletrônico” e utilizaram um pouco da força de seus braços fazendo movimentos/ gestos de ataque e defesa.

Outro momento de brincadeiras diversas dos meninos em um único dia pode ser observado na nota de campo (nº 22, 22/10/2009) que segue:

Daniel e Murilo brincaram no tanque de areia por cerca de 20 minutos, eles cavaram buracos na areia, enterraram suas pernas, brincaram nos andaimes, escorregador e ainda imitaram alguns personagens do Ben 10, os outros meninos da turma da professora Leandra nesse momento corriam no espaço do pátio e em umas quadras próximas. Depois todos os meninos dessa turma se juntaram para brincar de futebol e outras crianças, de outras turmas também se somaram para brincar, algumas meninas ficaram observando o jogo deles. Os meninos fizeram um pequeno intervalo no jogo e logo voltaram a jogar bola, minutos depois eles pararam essa brincadeira e foram brincar nos brinquedos do parque.

A mídia por diversos momentos esteve como precursora nos modos de agir e nas brincadeiras das crianças. O “Ben 10”, por exemplo, foi um dos desenhos que por diversos momentos durante o ano letivo de 2009 influenciou de maneira significativa os meninos. Assim, como serviu de pano de fundo para muitos momentos de brincadeiras e em diversos espaços tais como o parque, a sala de aula e outros. Por isso, achamos importante apresentar a sinopse deste desenho, esta, apresentada a seguir de acordo com a Wikipédia, a enciclopédia livre (2008, s/p):

**Ben**, aos 10 anos de idade, nas férias de verão foi acampar com a sua prima **Gwen** e seu avô **Max**. Quando resolveu passear depois de um desentendimento com sua prima ele observou um objeto caindo do céu, logo foi ver, era uma esfera metálica e que dentro dela tinha um relógio, o aparelho grudou em seu pulso, e logo descobriu que o nome do aparelho é **Omnitrix** e que ele guarda o **DNA** de 10 espécies alienígenas diferentes cada uma com sua característica própria, o aparelho tem a capacidade de transformar o usuário em qualquer uma delas. Com tanto poder nas mãos, vêm também as responsabilidades: Ben passa a ajudar as pessoas e a combater o mal e os seres alienígenas que decidem atacar a terra para recuperar o dispositivo. Apesar de tudo, ele não deixa de ter o espírito de um

menino de 10 anos, que gosta de aprontar, se divertir com os amigos e o avô, além de "encher o saco" da prima, ele gosta de aprontar como no episódio "**Um Probleminha**" que Ben quer entrar em um brinquedo de um parque aquático, mas não tem altura suficiente. Então, ele decide virar o alien Aquático, mas o Omnitrix trava e por raiva, ele bate com força e vira o **Massa Cinzenta**. Por causa da força da batida, o Omnitrix fica travado e ele só vira Ben de novo cerca de uma hora depois.

O desenho do Ben 10 é um dos exemplos que, a nosso ver, remete a um universo em que a indústria cultural e de consumo se faz presente, de forma a reforçar os papéis na nossa sociedade, o sexo masculino nesse caso é, por excelência, remetido a virilidade, símbolo de opulência.

Já a mulher parece ser mais subjugada aos afazeres domésticos, isso reflete nas brincadeiras das meninas, nesse sentido, a escola é um espaço a mais em que elas, inconscientemente, reproduziram tais comportamentos e foi assim que as crianças do sexo feminino brincaram mais, por exemplo, de cuidar dos "seus filhos", salão de beleza e escolinha, quanto ao último pensamos estar mais ligada ao ato de imitar a professora, uma vez que as crianças são seres miméticos por natureza. Dessa forma, as meninas perceberam a professora como uma representação do universo feminino, como um modelo e elas demonstraram satisfação quando a representava.

As atitudes tomadas a partir do gênero remetem a um comportamento que faz parte de suas rotinas, e o espaço da escola é um ambiente a mais para se notar essa questão, como nos lembra BOURDIEU, P. (1990, p. 158): "Se o mundo social tende a ser percebido como evidente e a ser apreendido (...) é porque as disposições dos agentes, o seu habitus, isto é, as estruturas mentais através das quais eles apreendem o mundo social, são em essência produto da interiorização das estruturas do mundo social".

Destacando, novamente, o gênero e os papéis desempenhados na sociedade com suas diferenciações culturais, foi possível perceber, então, que as crianças foram alvo constante da mídia, das propagandas, desenhos animados, entre outros. Assim, elas são/ foram informadas sobre as novidades, seja em relação a brinquedos ou tendências e levam isso/ levaram para o âmbito da escola. Um dos principais cuidados que pensamos ter que considerar se encontra no fato de que a realidade dos alunos nem sempre condiz com o que a televisão veicula como atrativo.

Nesse sentido, com uma visão geral das crianças da ESEBA quanto à classe social, esta pareceu ser bem diversificada e as que são de uma família com um poder aquisitivo

melhor e que por isso, geralmente, tem condições de seguir as tendências que a indústria do consumo apresenta não tiveram mais prazer do que outras simplesmente pelo fato de ter um objeto que outra criança não possuía, pois os momentos do brincar foram quase sempre compartilhados com várias crianças, até mesmo pelo estímulo das professoras em deixar que o outro brincasse junto, pudesse tocar/ manipular os brinquedos dos coleguinhas. Assim, de certa forma, quase todas as crianças puderam experimentar as novidades da mídia.

Portanto, considerando-se o modo como as brincadeiras aconteceram, conclui-se que, apesar de os meninos, na maior parte do tempo, terem brincado mais entre si, assim como as meninas, as diferenças sexuais não foram limitações na evolução cognitiva das crianças, tratou-se muito mais de preferências que ora foram respeitadas pelas professoras, ora estimuladas para que o grupo se misturasse mais nas brincadeiras (meninos e meninas).

Os meninos se destacaram um pouco mais pela dinamicidade dos movimentos e repertórios de brincadeiras, já as meninas se destacaram mais quanto às observações do seu entorno – já que quando não estavam brincando observaram muito os acontecimentos a sua volta –, isso, a nosso ver, acarreta vários fatores positivos como de às vezes saber lidar melhor com certas situações, uma vez que entendemos que há uma análise mais minuciosa quando se faz o exercício de observar o espaço e o outro.

Nesse sentido, nas mais variadas situações estiveram presentes a linguagem corporal como parte do processo educacional que foi traduzida como processo de experiências e aprendizagem, entre outros aspectos, nas diferentes brincadeiras seja as que foram dirigidas pelas professoras ou as que as crianças organizaram de acordo com seu desejo ou vontade de um grupo maior, nesse caso fazendo-se, constantemente, presente a espontaneidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho, sem qualquer intuito de “fechar” a discussão, intencionou conhecer e analisar momentos de interações entre professoras e crianças e das crianças entre si em que o elemento lúdico se fez presente. Para isso realizamos observações participantes em vários momentos da rotina escolar de uma turma de segundo período da educação infantil com produções de nota de campo, somada aos estudos bibliográficos sobre a temática investigada. De modo especial, em relação às crianças estivemos atentas para as brincadeiras de que participavam, em perceber as preferências manifestadas, organização do espaço e formação de grupos.

A relação entre os sujeitos investigados (professoras e crianças), bem como a relação destes com o lúdico, foi o nosso foco, mas também buscamos conhecer um pouco mais sobre os limites e as possibilidades do lúdico na educação infantil por meio de leitura de produções bibliográficas que abordavam tal temática.

Constamos que a ESEBA propiciou momentos ricos em ludicidade no processo de ensino-aprendizagem; isso se materializou na organização de espaços físicos muito convidativos às crianças, como o parque e até mesmo a sala de aula que contavam com brinquedos e estantes de livros infantis. Verificamos que nesses espaços da escola todo o material disponível foram transformados pela espontaneidade das crianças.

A nosso ver, poderiam ser limitadas as interações entre as crianças se as professoras as coibissem, mas, ao contrário, as professoras buscaram entrar no ritmo de seus alunos, no faz-de-conta e em algumas de suas brincadeiras. Assim, as professoras orientavam as crianças para que não se machucassem ou machucassem seus colegas, mas isso demonstrava cuidado, o que não impedia as crianças de explorarem o espaço e experimentarem situações diversas.

Dessa forma, foi possível constatar que na escola pesquisada as atividades lúdicas foram muito exploradas pelas professoras que trabalharam com a turma observada; tais professoras, geralmente, aproveitam jogos e brincadeiras para trabalharem na perspectiva dos interesses e das motivações dos alunos. Quanto às brincadeiras, alvos do nosso interesse, aconteceram de maneira que nos permitiram enfatizar na análise a questão dos papéis femininos e masculinos relacionados com a sociedade e a cultura midiática de nosso tempo.

Quanto às brincadeiras, de modo geral, percebemos nitidamente a questão do gênero, os meninos estiveram mais próximos entre si e as meninas também. Pensamos que tais comportamentos estão relacionados com a faixa etária (5 e 6 anos) das crianças com as quais trabalhamos e parece ser consequência do ambiente social, do qual a escola faz parte, nesse particular podemos ressaltar a influência das mídias sobre as crianças. Acreditamos que isso não atrapalhou a aquisição da aprendizagem, pois meninos e meninas desenvolveram-se satisfatoriamente. No entanto, quanto às brincadeiras observadas podemos dizer que os meninos foram mais ativos, exploraram um pouco mais o repertório de brincadeiras; as meninas experimentaram um pouco menos, prevalecendo brincadeiras relacionadas com o ambiente doméstico/ familiar.

Portanto, a nosso ver, a ludicidade é uma dimensão da vida que vem sendo bastante discutida, especialmente na Educação Infantil, e essa valorização do lúdico permite organizar um trabalho educativo mais rico e contribui para uma produção dos conhecimentos significativos para as crianças.

**REFERÊNCIAS:**

BOURDIEU, P. Espaço social e poder simbólico. In: **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ELKONIN, D. B. Problemas psicológicos Del juego em La edad pré-escolar. In: **La psicologia evolutiva y pedagogia em La URSS – Antologia**. Moscou, Editorial Progreso, 1987.

FANTIN, M. **Jogo, brincadeira e cultura na educação infantil**. Dissertação de mestrado – CED – UFSC. Biblioteca Universitária, 1996.

FONTANA, R. & CRUZ, M. N. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

GAMBOA, Sílvio Sanchez. **Teoria e prática: uma relação dinâmica e contraditória**. Motrivênica Educação Física, v. 7, n. 8, dez. 1995.

HORN, Cláudia Inês. **Brincar e jogar: atividades com matérias de baixo custo/** Cláudia Inês Horn, Jaqueline Silva da Silva, Juliana Pothin. – Porto Alegre: Mediação, 2007.

MACHADO, Maria Lúcia de A. **“Educação infantil e currículo: A especificidade do projeto educacional e pedagógico para creches e pré-escolas”**. Trabalho apresentado na XIX Reunião Anual da Anped. Caxambu, setembro 1996.

SAVIANI, Demerval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: Cortez, 1980.

TARDIF, Maurice. **Os professores enquanto sujeitos do conhecimento: subjetividade, prática e saberes do magistério**. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). Didática, currículo e saberes escolares. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

VOLPATO, Gildo. **Jogo, brincadeira e brinquedo: usos e significados no contexto escolar e familiar**. – Florianópolis: Cidade futura, 2002.

[www.pt.wikipedia.org/wiki/Ben\\_10](http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Ben_10). Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre, desde abril de 2008.